

# Narrativas de Migração

*por Ícaro Ricarte*

um guia  
cinematográfico  
sobre diáspora e  
acolhimento nos  
anos 2011-2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Lima, Ícaro Ricarte de.

Narrativas de migração: um guia cinematográfico sobre diáspora e acolhimento nos anos 2011-2022 / Ícaro Ricarte de Lima. - Recife, 2025.  
26 : il.

Orientador(a): Sofia Cavalcanti Zanforlin

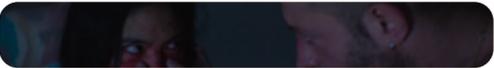
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Radio, TV e Internet - Bacharelado, 2025.

Inclui referências.

1. migração. 2. catálogo. 3. filmes. 4. cinema. I. Zanforlin, Sofia Cavalcanti. (Orientação). II. Título.

300 CDD (22.ed.)

# Conteúdo

|   |                                  |   |   |  |    |
|---|----------------------------------|---|---|--|----|
| <i>Agradecimentos</i>   | 6                                |  | <i>Gholam</i>   | 17   |    |
| <i>Apresentação</i>   | 7                                |  | <i>Samba</i>  | 17   |    |
| <i>Introdução</i>   | 8                                |  | <i>All of Me</i>  | 18   |    |
|    | <i>Human Flow</i>                | 10  |    | <i>O Futuro Perfeito</i>                       | 18 |
|    | <i>O Porto</i>                   | 10  |    | <i>Tenere</i>                                  | 19 |
|    | <i>No Cow On The Ice</i>         | 11  |    | <i>Quando Meus Pais Não Estão em Casa</i>      | 19 |
|    | <i>Hope</i>                      | 11  |    | <i>Holy Emy</i>                                | 20 |
|   | <i>Uma Vida Melhor</i>           | 12  |    | <i>O Plantão</i>                               | 20 |
|  | <i>O Que Ficou Para Trás</i>     | 12  |    | <i>Exodus - De Onde Eu Vim Não Existe Mais</i> | 21 |
|  | <i>Icebox</i>                    | 13  |   | <i>Dance Town</i>                              | 21 |
|  | <i>Ulisses</i>                   | 13  |  | <i>Nocebo</i>                                  | 22 |
|  | <i>Dheepan: O Refúgio</i>        | 14  |  | <i>Most Beautiful Island</i>                   | 22 |
|  | <i>A Babá</i>                    | 14  |  | <i>Minari: Em Busca da Felicidade</i>          | 23 |
|  | <i>Evaporating Borders</i>       | 15  |  | <i>Não Estou Mais Aqui</i>                     | 23 |
|  | <i>O Paraíso Deve Ser Aqui</i>   | 15  |  | <i>Cafarnaum</i>                               | 24 |
|  | <i>EU 013, The Last Frontier</i> | 16  |  | <i>Nenhum Lugar Para Chamar de Lar</i>         | 24 |
|  | <i>Uma Terra Imaginada</i>       | 16  | <i>Referências</i>  | 25   |    |
|   |                                  |   | <i>Ficha Técnica</i>  | 26   |    |

Aos vampiros, bruxas e zumbis que, ao longo  
da história, migraram.

“A migração contemporânea é marcada pela fluidez e pela permeabilidade das fronteiras, onde a linha que separa ‘dentro’ e ‘fora’ é cada vez mais difusa.”

Zygmunt Bauman

# Agradecimentos

Nenhuma jornada é trilhada sozinha, e este trabalho é fruto de muitos encontros.

Agradeço primeiramente aos meus pais, por me incentivarem a seguir meus sonhos e por tornarem possível minha permanência no ensino superior. Sem o amor e o suporte deles, este trabalho não existiria.

À minha orientadora, Sofia Zanforlin, por ter me acolhido no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e por confiar no meu potencial. Foram dois anos de pesquisa que me transformaram como pesquisador. Obrigado pelo olhar atento que guiou este percurso.

A Isabel Bahé, pelas infinitas horas de conversa e ideias megalomaniacas que se tornaram realidade.

Agradeço a Igor Cabral, cuja rabugice inspiradora me fez rir e refletir, e a todos os colegas da Rádio Paulo Freire, espaço onde aprendi tanto e onde encontrei uma segunda casa. Obrigado por cada troca, por cada conversa e por construirmos juntos algo que vai além do rádio.

Agradeço profundamente a André Martins pela parceria sólida dentro e fora da academia. Poucas coisas são mais valiosas do que encontrar alguém com quem se pode contar em todas as circunstâncias.

A Yvana Fachine, por suas orientações sempre precisas e generosas, que ajudaram a dar forma a este projeto quando ele ainda era só uma ideia nebulosa.

A Ana Paula Campos Lima, que me ensinou o que significa, de fato, pesquisar. Seu rigor e sua dedicação foram fundamentais para que eu pudesse construir este trabalho.

Por fim, agradeço aos amigos Rivaldo Junior, Eduarda Nóbrega, Íkaro Sousa, Beatriz Santana, Lívia Lima, Anna Sabino, Eliana Souza, Lorena Brito, Nathália Murakami e Victória Chagas por tornarem essa aventura divertida.

## Apresentação

A migração é um fenômeno que atravessa tempos e territórios, movendo pessoas por razões políticas, econômicas, sociais e ambientais. No entanto, a forma como esse fenômeno é representado nos meios de comunicação nem sempre mostra de forma explícita a sua complexidade e diversidade. O cinema, como uma das formas de narrativa audiovisual de maior potência, tem desempenhado um papel fundamental na construção dessas representações, ora reforçando estereótipos e discursos hegemônicos, ora abrindo espaço para novas perspectivas e contra-narrativas.

Diante disso, este trabalho apresenta um guia de filmes sobre migração, concebido como um instrumento de educação midiática, apresentando

uma curadoria de obras que contribuem para um olhar crítico e sensível sobre a experiência migratória.

Este guia é um desdobramento da pesquisa desenvolvida no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) entre 2022 e 2024, intitulada “Investigação das narrativas audiovisuais sobre migração, refúgio, acolhimento e a relação com o bios midiático”, orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sofia Cavalcanti Zanforlin. Essa pesquisa teve o objetivo de analisar como o cinema e outras produções audiovisuais constroem e difundem discursos sobre mobilidade humana, levando em consideração as dinâmicas do bios midiático, conceito formulado por Muniz Sodré.

O autor argumenta que vivemos em uma nova esfera existencial marcada pela comunicação e pela informação, na qual o convencimento se dá menos pelo conhecimento em si e mais pela confiança nas fontes e na forma como os conteúdos são transmitidos. No contexto migratório, isso significa que as representações sobre refugiados e deslocados muitas vezes são sequestradas por discursos hegemônicos que legitimam certas narrativas em detrimento de outras.

A partir da pesquisa de PIBIC, foram identificadas 103 produções audiovisuais sobre migração, das quais 61 foram analisadas a partir de uma busca realizada em plataformas de streaming, festivais internacionais e acervos de instituições culturais. Dentre essas, 30 filmes foram selecionados para compor este guia. São produções que tratam das razões da migração (conflitos, perseguições, desastres naturais), jornadas migratórias, identidade e pertencimento,

integração sociocultural, xenofobia, solidariedade e convivência intercultural.

A curadoria, nesse processo, tornou-se uma estratégia crítica, articulando cinema e educação midiática como ferramentas de sensibilização e formação cidadã frente às representações hegemônicas sobre mobilidade humana. Além de trazer referências cinematográficas, este trabalho busca incentivar uma abordagem crítica ao consumo de conteúdo audiovisual sobre migração, contrapondo-se à forma como o tema é tratado na grande mídia e no cinema comercial. Este guia propõe ampliar o acesso a narrativas diversas, promovendo debates sobre identidade, pertencimento e representação, contribuindo para uma melhor compreensão do fenômeno migratório.

Assim, este estudo se insere na interseção entre cinema, migração e educação, apostando no potencial do audiovisual como ferramenta de sensibilização e conhecimento. Mais do que um simples levantamento de filmes, o catálogo se propõe como um convite à reflexão e ao diálogo sobre os deslocamentos humanos e suas múltiplas facetas, reforçando a importância de visibilizar histórias que muitas vezes são silenciadas.

## Introdução

Em 2024, a Organização Internacional para as Migrações (OIM) registrou 281 milhões de migrantes internacionais no mundo, o que corresponde a 3,6% da população mundial (McAuliffe; Oucho, 2024). Esse número representa um aumento de 23% na comparação com 2010, quando havia 220,78 milhões de migrantes, ou 3,2% da população global, segundo dados da OIM. Já no relatório “Tendências Globais sobre Deslocamento Forçado 2023” (2024), a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) identificou um aumento recorde de 24,3 milhões no número de pessoas deslocadas até maio de 2024, atingindo a marca de 120 milhões. O devastador conflito no Sudão foi o principal fator para o aumento nos números, com 10,8 milhões de sudaneses deslocados. Além disso, cerca de 1,7

milhão de pessoas na Faixa de Gaza - o equivalente a 75% da população - foram forçadas a se deslocar devido aos níveis catastróficos de violência, em sua maioria refugiados palestinos.

Em 2023, o Brasil registrou a entrada de 194.331 novos migrantes, conforme dados do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra). Os venezuelanos lideram entre as principais nacionalidades, com 94.726 solicitações de autorização de residência e 12.726 reconhecimentos como refugiados. Entre os principais motivos que levaram estrangeiros a buscar abrigo no país estão a reunião familiar, trabalho e investimentos e estudo. Também foram registrados pedidos relacionados a missão religiosa, registro como fronteiriços e acolhida humanitária (Cavalcanti et al., 2024).

De acordo com dados divulgados pelo Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), o Brasil reconheceu, em 2023, 77.193 pessoas como refugiadas. Os homens correspondem a 51,7% desse total e as mulheres, a 47,6%. Além disso, 44,3% das pessoas reconhecidas como refugiadas eram crianças, adolescentes e jovens com até 18 anos de idade. Ainda segundo o CONARE, a maior parte das pessoas que solicitaram reconhecimento da condição de refugiado no Brasil, em 2023, possuía a nacionalidade venezuelana. Foram 29.467 solicitações de reconhecimento da condição de refugiado, que corresponderam a 50,3% dos pedidos recebidos pelo Brasil. O estado de Roraima concentrou o maior volume de solicitações de refúgio, seguido por Amazonas e São Paulo (Junger da Silva et al., 2024)

Pernambuco integra a Operação Acolhida realizada pelo Governo Federal em parceria com a OIM e a ACNUR, incentivando a interiorização de refugiados e migrantes venezuelanos. Segundo a OIM, 908 venezuelanos já foram trazidos voluntariamente ao estado e estão distribuídos entre 16 municípios. Além dos venezuelanos, Pernambuco tem recebido regularmente migrantes do continente africano, onde se destaca a criação de uma associação de migrantes senegaleses e um fluxo regular de chineses (Junger da Silva et al., 2024).

A busca das pessoas forçadas a se deslocar por melhores condições de vida - ou apenas a sobrevivência, como em muitos casos - torna-se uma preocupação para os países que os acolhem e suas respectivas populações. Diante da crise humanitária e de seus problemas políticos-econômicos-sociais internos, esses países fecham suas fronteiras e dificultam a chegada da população migrante. A situação dentro dos territórios de acolhimento se torna caótica, com a população migrante sendo colocada em vulnerabilidade social sem nenhuma garantia básica de direitos. É uma crise humanitária e política recorrente ao longo da história da humanidade que ainda está longe de encontrar uma solução.

Migrar é um direito humano (Thaines; Meleu, 2024), porém ao invés de serem apresentados como indivíduos que buscam oportunidades e segurança, os migrantes muitas vezes são retratados de maneira estigmatizada, perpetuando estereótipos negativos que contribuem para a sua marginalização e discriminação. Esse sequestro de narrativa é alimentado através da polarização política e da

retórica anti-imigrante. Em muitos contextos, líderes governistas exploram o tema da migração para ganhos políticos, criando narrativas que fomentam o medo, a xenofobia e a intolerância. Isso não apenas prejudica a percepção pública dos migrantes, mas também influencia políticas restritivas que podem resultar em tratamento injusto e violações dos direitos humanos. Nesse contexto, as disputas discursivas são primordiais.

Na sociedade midiaticizada em que nos encontramos, não se trata de saber o que se diz saber, mas de convencimento a partir da fixação de um saber por confiança na autoridade das fontes; o que se transmite de uma forma determinada no interior de um comum, um meio, que não tem nada de natural é conformado por um bios, vigorado por modelos existenciais (Sodré, 2014). O ambiente contemporâneo estaria dominado pelo mundo corporativo e financeiro vinculado aos aparatos de comunicação. Nesse ambiente, o bios midiático, representaria o lugar em que a narrativa predominante estaria sendo negociada a partir da instituição de algoritmos vinculados aos centros de poder. Encontrar rotas de fuga e contra-representações estaria cada vez mais restrito a campos e bolhas específicas, sendo ainda mais difícil encontrar espaço para visões dialéticas.

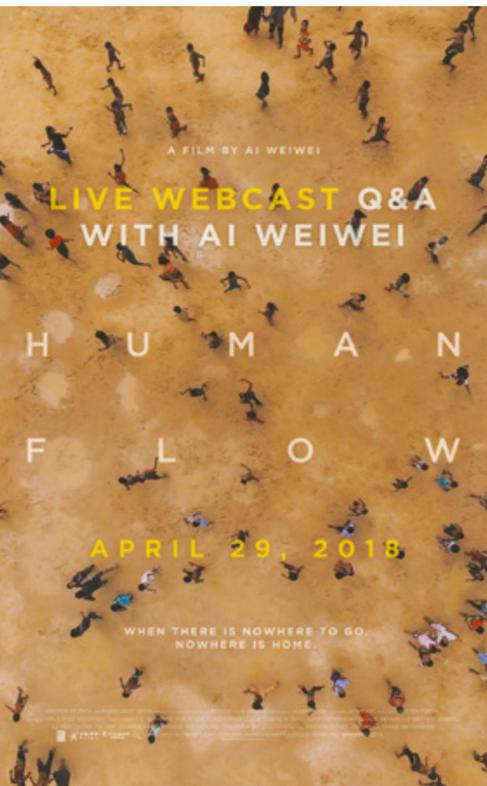
*Nesse caminho, narrativas são comumente utilizadas como metáforas para representar a realidade. Sejam fílmicas, literárias ou orais, elas possuem o poder de preencher a lacuna existente entre a interação e as estruturas que formam a sociedade, refletindo características culturais de sua*

*produção (Hall, 2016). Dessa forma, podemos reconhecer que as narrativas surgem dentro de contextos sociais, interpretando o mundo em que vivemos. No caso do cinema, as narrativas fílmicas são carregadas de imagem e sonoridade, potencializando ações e coletivizando narrativas pessoais. Além disso, narrativas cinematográficas podem ajudar a contestar ou exaltar momentos específicos da sociedade. Os filmes não representam a realidade da forma como ela realmente é, mas abrem uma janela para a compreensão de uma determinada época.*

Dado o poder do cinema em criar significados e colocar múltiplas realidades no holofote, ele também pode servir como importante ferramenta para influenciar discursos políticos e sociais. Um filme pode enriquecer nossa percepção sobre um fato na mesma intensidade em que pode manipular nossa percepção para fortalecer relações de poder e dominação, como é o retrato da mídia sobre questões de imigração. Muitas produções cinematográficas se dispõem a discutir desigualdade global, neocolonialismo, conflitos e abusos de direitos - principais causas da migração - e ir além dos efeitos demográficos causados pelo deslocamento forçado.

A complexidade e abrangência das questões dispostas reforçam a necessidade de nos determos sobre as representações dos migrantes no cinema. Para isso, uma etapa necessária é conhecer essa produção, o que pressupõe um levantamento nem

sempre fácil do material. Uma curadoria e uma catalogação dos filmes sobre a temática pode ser um recurso importante, seja para subsidiar o trabalho de pesquisadores do fenômeno, seja como ferramenta educacional, capaz de promover a empatia e estimular discussões construtivas sobre políticas migratórias globais. O presente trabalho se propõe como um guia na forma de ebook, no qual serão indicados e descritos filmes ficcionais e documentais que tratam de temas como diáspora e acolhimento.



# Human Flow

Título Original: Human Flow  
Direção: Ai Weiwei  
Ano: 2017  
País: EUA, Alemanha

Durante um ano, o diretor Ai Weiwei acompanhou crises de refugiados em 23 países, incluindo França, Grécia, Alemanha, Iraque, Afeganistão, México, Turquia, Bangladesh e Quênia. Ele retrata as causas que levam milhões de pessoas a abandonarem seus países de origem, como a guerra, a miséria e a perseguição política, refletindo sobre as dificuldades encontradas na busca por uma vida melhor.

Ao longo do documentário, Ai Weiwei, que também é um refugiado, busca criar uma conexão entre os espectadores e os migrantes pela experiência humana universal. Sua abordagem, mais visual do que verbal, permite que o público sinta a ausência de uma vida digna, refletindo sobre a perda de humanidade em tempos de crise. O filme utiliza várias tecnologias de gravação, incluindo drones, câmeras e iPhones, para retratar o impacto político, social e pessoal do fenômeno migratório em diferentes escalas. “Human Flow” nos convida a reconhecer a desumanização dos refugiados e a necessidade urgente de uma mudança na forma como o mundo vê e lida com a migração.



# O Porto

Título Original: Le Havre  
Direção: Aki Kaurismäki  
Ano: 2011  
País: Finlândia, França, Alemanha

O Porto combina humor com uma narrativa leve para contar uma história sobre solidariedade e esperança. O filme se passa na cidade portuária de Le Havre, na França, e acompanha Marcel Marx, um engraxate que leva uma vida simples ao lado de sua esposa Arletty. Quando Arletty adoece e é hospitalizada, Marcel se vê sozinho até cruzar com Idrissa, um jovem imigrante africano que fugiu das autoridades após ser encontrado em um contêiner no porto.

Marcel decide ajudar Idrissa a encontrar um caminho para se reunir com sua família, e, no processo, envolve a comunidade local em um esforço coletivo para proteger o garoto. O filme mistura elementos de comédia, drama e até suspense, mas sempre com as características do cinema do diretor Aki Kaurismäki: diálogos secos, situações absurdas e um olhar afetuoso para seus personagens. Apesar do tom leve, o filme não deixa de abordar questões sérias, como a crise dos refugiados e a burocracia que dificulta a vida dos imigrantes. É, acima de tudo, um filme sobre a bondade humana e a capacidade de se unir em tempos difíceis.



# No Cow On The Ice

Título Original: No Cow on The Ice  
Direção: Eloy Domínguez Serén  
Ano: 2015  
País: Espanha, Suécia

Linguagem e paisagem como portas para uma nova vida. Um jovem cineasta originário da Galícia emigra para a Suécia, onde desempenha diferentes trabalhos temporários. Seu aprendizado de um novo idioma e a fascinação pela paisagem sueca tornam-se uma força motriz contra as difíceis condições de vida. À medida que ele aprende sobre a cultura, a sociedade e o estilo de vida suecos, desenvolve uma nova identidade.

Evocar a obra do cineasta lituano Jonas Mekas pode não ser inapropriado para introduzir este diário filmado pessoal, especialmente em relação à riqueza das situações e à perspectiva delicada e visualmente graciosa. Tendo em perspectiva a emigração de seus avós, o foco central do diretor-protagonista Eloy Domínguez Serén, é, sem dúvida, a aquisição de uma nova língua, que permite desenvolver uma relação tanto com uma nova paisagem quanto com uma cultura humana diferente. Filmado ao longo de vários anos, o cineasta consegue, com uma edição muito precisa, capturar esse longo processo, que começa com pensamentos solitários e silenciosos que evolui para a comunicação.

stills



# Hope

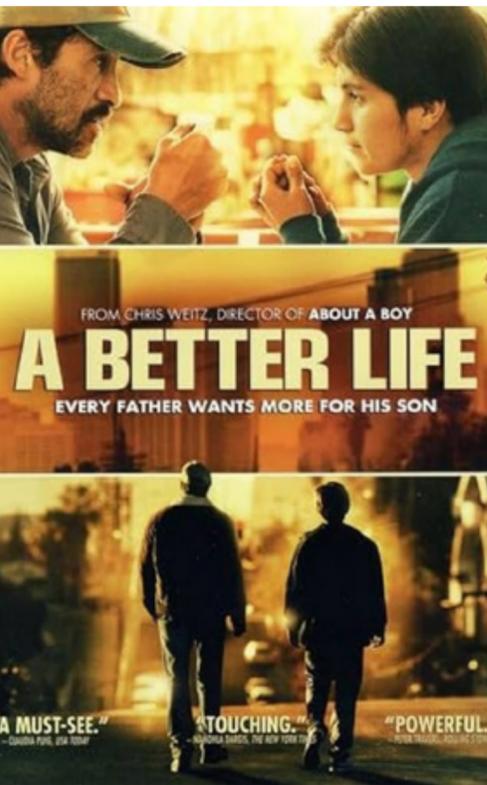
Título Original: Hope  
Direção: Boris Lojkine  
Ano: 2014  
País: França

Hope é um filme que se aprofunda na dura realidade dos migrantes africanos em busca de uma vida melhor na Europa. A história acompanha Hope, uma jovem nigeriana que foge de seu país em direção à Europa, enfrentando perigos e dificuldades ao longo do caminho. Durante sua jornada, ela conhece Léonard, um homem que inicialmente parece ser seu protetor, mas cujas intenções podem não ser tão altruístas quanto parecem. Juntos, eles tentam sobreviver em um mundo hostil, onde a confiança é um luxo e a sobrevivência é a prioridade.

O filme se destaca por sua estética realista e crua, quase documental, que captura a brutalidade e a desesperança enfrentadas por aqueles que arriscam tudo em busca de um futuro melhor. A direção de Boris Lojkine expõe as violências físicas e emocionais sofridas pelos migrantes, desde a exploração por parte de traficantes até as condições desumanas dos campos de refugiados. A relação entre Hope e Léonard é complexa, oscilando entre dependência, desconfiança e, possivelmente, amor, evidenciando as dinâmicas de poder e vulnerabilidade que permeiam suas vidas.

stills





# Uma Vida Melhor

Título Original: A Better Life  
Direção: Chris Weitz  
Ano: 2011  
País: EUA

Um jardineiro mexicano do leste de Los Angeles luta para manter o equilíbrio entre trabalhar com paisagismo para os ricos da cidade e manter seu filho longe das gangues e agentes de imigração. Com direção de Chris Weitz, Uma Vida Melhor mostra a rotina de um trabalhador migrante que tenta criar o filho em meio às dificuldades de viver sem documentos nos Estados Unidos.

O filme trabalha a relação entre pai e filho marcada por distância, afeto e desencontros, enquanto os dois enfrentam os obstáculos da cidade e das diferenças entre gerações. Sobretudo, a narrativa mostra como a vida de imigrantes é marcada por esforço, medo e resistência. Carlos vê no trabalho uma saída, mas esbarra em regras que o impedem de crescer. Ao mesmo tempo, tenta evitar que o filho repita um caminho de exclusão. Mesmo sem prometer grandes mudanças um para o outro, esses personagens seguem em frente, buscando um lugar de pertencimento.



# O Que Ficou Para Trás

Título Original: His House  
Direção: Remi Weekes  
Ano: 2020  
País: EUA, Reino Unido

Um casal foge da guerra civil no Sudão do Sul e encontra abrigo na periferia de Londres. Dentro da grande casa vazia onde são alojados, eles começam a suspeitar de que trouxeram consigo um apeth, entidade sobrenatural que deseja acertar contas com os dois sobre atitudes do passado. Porém o casal não pode abandonar a casa, com o risco de perder a possibilidade de conseguir a cidadania inglesa.

O filme usa o horror para subverter as tradicionais histórias de casas mal-assombradas, deslocando o foco de mansões aristocráticas para a realidade de imigrantes. Ao invés de fantasmas presos a um local, os protagonistas carregam consigo os traumas e as perdas de sua terra natal, transformando o sobrenatural em uma metáfora para o luto, o desenraizamento cultural e a dificuldade de integração em uma sociedade hostil. Em O Que Ficou Para Trás, o horror é utilizado como ferramenta política, explorando as cicatrizes invisíveis da migração.



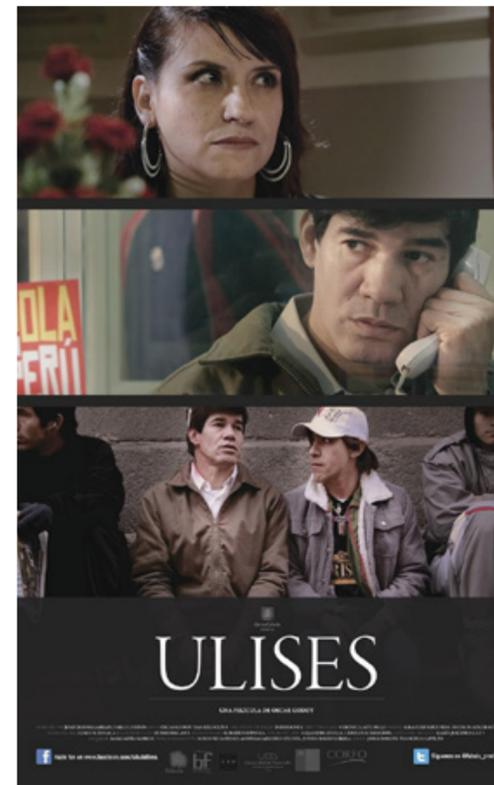
# Icebox

Título Original: Icebox  
Direção: Daniel Sawka  
Ano: 2018  
País: EUA

Icebox acompanha a jornada de Oscar, um menino hondurenho de 12 anos que foge da violência em seu país e acaba detido ao cruzar a fronteira dos Estados Unidos. O filme explora a realidade dos centros de detenção, onde crianças imigrantes esperam por uma chance de recomeçar. Através da perspectiva do protagonista, vemos o impacto de um sistema frio e burocrático, no qual sentimentos como medo, solidão e incerteza tomam conta do dia a dia.

A história chama atenção para as consequências das políticas migratórias e para a forma como vidas jovens são marcadas por decisões institucionais. Sem recorrer a exageros, o filme mostra como a travessia não termina na chegada, mas continua nos corredores de um sistema que trata pessoas como números.

stills



# Ulisses

Título Original: Ulisses  
Direção: Oscar Godoy  
Ano: 2011  
País: Chile, Argentina

Ulises é uma crônica da vida de Julio, peruano e professor universitário de história que vive como imigrante no Chile. Ele vive em profunda solidão, sem ter uma moradia digna, nem relações expressivas com as pessoas. Ele resiste e continua com tenacidade sua missão: trabalhar e enviar dinheiro para sua mãe no Peru. O filme retrata a luta diária de um homem para se encaixar em um país estrangeiro que o rejeita, enquanto ele anseia por retornar a sua terra natal, como um Ulisses moderno condenado a vagar eternamente.

O não acolhimento do protagonista o obriga a empregos precários, como faxineiro e trabalhador de matadouro, distanciando-o completamente de sua formação e de sua identidade intelectual. Essa desconexão com seu próprio passado e suas habilidades reforça a sensação de alienação e desenraizamento, ilustrando como o ato de migrar pode apagar não apenas a profissão, mas também a essência de quem se é.

stills



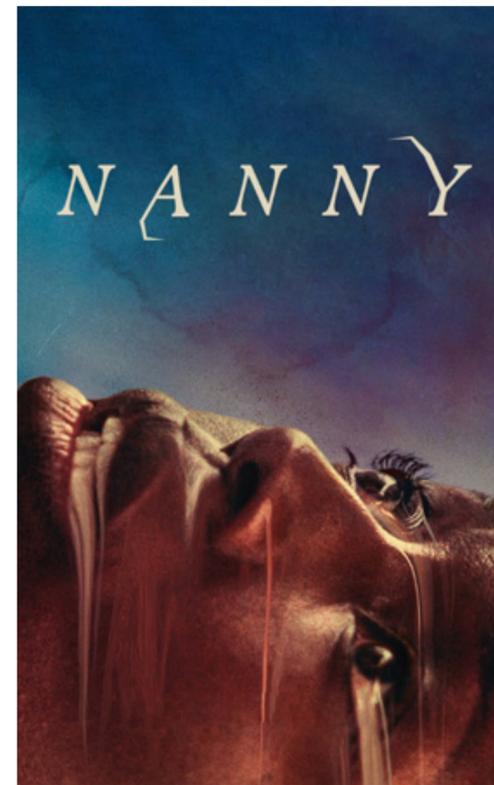


# Dheepan: O Refúgio

Título Original: Dheepan  
Direção: Jacques Audiard  
Ano: 2015  
País: França

Dheepan acompanha a jornada de três refugiados do Sri Lanka que tentam recomeçar a vida na França após fugirem da guerra civil de seu país. O trio forma uma família falsa para conseguir asilo, mas aos poucos cria laços reais enquanto enfrenta dificuldades para se adaptar à nova realidade. A trama mostra como a migração não é apenas um deslocamento físico, mas também um processo de reconstrução emocional e social. Os personagens precisam aprender a conviver entre si e com um ambiente que, embora promissor, é marcado por desconfiança e violência.

O filme destaca como o passado de guerra e os traumas vividos continuam presentes mesmo em outro país. O protagonista tenta deixar para trás o papel de soldado, mas se vê novamente cercado pela lógica da violência, agora em um bairro tomado por conflitos locais. A história revela as contradições do processo migratório, em que o desejo de paz esbarra na realidade de exclusão e desigualdade.



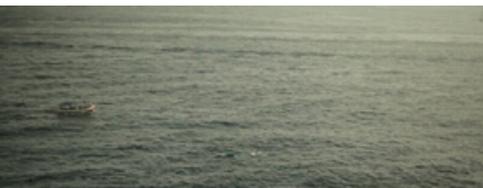
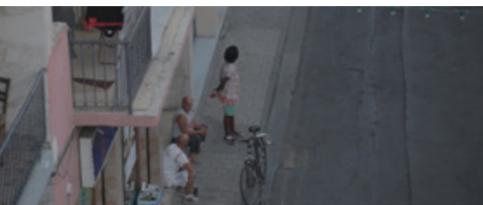
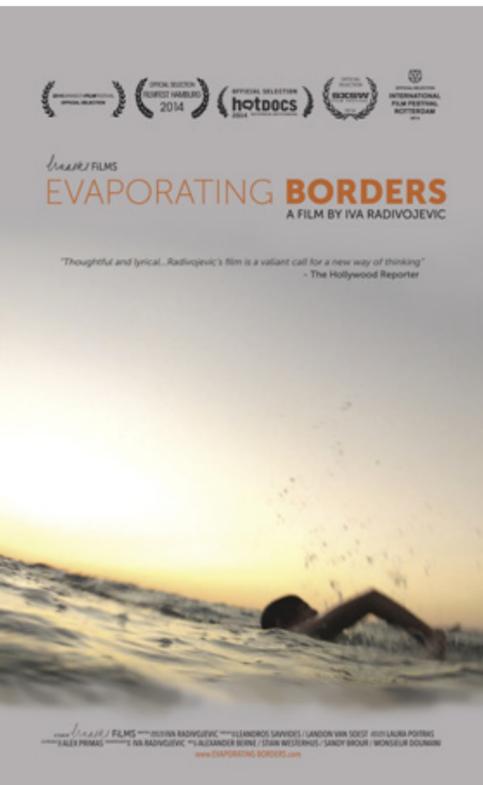
# A Babá

Título Original: Nanny  
Direção: Nikyatu Jusu  
Ano: 2022  
País: EUA

Aisha, uma imigrante senegalesa recém chegada aos Estados Unidos, é contratada para cuidar da filha de um casal desequilibrado e bem de vida que mora na cidade de Nova York. Assombrada pela ausência do filho que ficou no seu antigo país, Aisha espera que o seu novo emprego dê a ela condições de trazê-lo para os Estados Unidos, mas ela fica cada vez mais perturbada com a vida complicada da família. Conforme vai se aproximando da vinda do filho, uma entidade violenta começa a invadir os seus sonhos e a sua realidade.

O filme de Nikyatu Jusu se destaca pelo uso de elementos do folclore africano, como as figuras de Anansi e Mami Wata, para representar os medos e ansiedades de Aisha. Essas criaturas míticas aparecem em sonhos e visões, criando uma atmosfera de horror psicológico que reflete o desespero e a alienação da protagonista. Aisha luta para manter sua dignidade e estabelecer limites em um ambiente que constantemente tenta explorá-la.





# Evaporating Borders

Título Original: Evaporating Borders  
Direção: Iva Radivojevic  
Ano: 2014  
País: Sérvia, EUA

Evaporating Borders é um documentário poético que explora a imigração no Chipre, destacando as dificuldades enfrentadas por refugiados e trabalhadores estrangeiros. O filme combina relatos de abuso e exploração com imagens contemplativas da paisagem cipriota, criando um contraste entre a beleza do local e a realidade dura dos imigrantes.

A direção usa uma narrativa sensível para mostrar a resistência dessas pessoas, enquanto expõe a hostilidade e o medo presentes na sociedade local, especialmente em tempos de crise econômica e ascensão de grupos xenófobos. Além de retratar as lutas dos imigrantes, o documentário questiona noções tradicionais de identidade, pertencimento e nacionalismo, sugerindo que as fronteiras físicas e mentais estão se dissolvendo em um mundo globalizado.



# O Paraíso Deve Ser Aqui

Título Original: It Must Be Heaven  
Direção: Elia Suleiman  
Ano: 2019  
País: França, Catar

O Paraíso Deve Ser Aqui mistura humor e poesia para explorar a identidade palestina e a busca por pertencimento em um mundo globalizado. O diretor Elia Suleiman, interpretando a si mesmo, viaja de Nazaré para Paris e Nova York, esperando encontrar um lugar que possa chamar de lar. No entanto, ele descobre que as tensões e contradições que enfrenta na Palestina, como vigilância e controle, estão presentes em todas as partes, revelando uma universalidade na condição humana.

O filme usa cenas cotidianas absurdas para refletir sobre exílio, opressão e a luta por identidade. Com um estilo que lembra clássicos de comédia do cinema mudo, a direção cria gags visuais e sequências surreais que equilibram humor e crítica social. Em Paris e Nova York, ele enfrenta rejeições e observa paradoxos, como a presença de armas em espaços públicos ou a expectativa estereotipada sobre histórias palestinas.



# EU 013, The Last Frontier

Título Original: Eu 013, The Last Frontier  
Direção: Alessio Genovese  
Ano: 2014  
País: Itália

Pela primeira vez, as autoridades italianas permitiram que uma equipe de filmagem entrasse nos Centros de Identificação e Expulsão: locais de detenção e seleção para refugiados. O diretor Alessio Genovese retrata a política de asilo europeia como um carrossel de esperança e frustração, no qual os refugiados são girados até que a loucura se instale.

O filme rompe o silêncio que cerca esses locais, mostrando as condições precárias de vida dos detidos e a burocracia que mantém sua situação indefinida. O documentário revela um sistema que opera à margem da justiça tradicional, questionando as implicações éticas e humanitárias dessas práticas.

stills



# Uma Terra Imaginada

Título Original: A Land Imagined  
Direção: Yeo Siew Hua  
Ano: 2018  
País: Cingapura, França

A Land Imagined, de Yeo Siew Hua, é uma mistura de mistério policial, drama social e devaneio surreal. A história gira em torno do desaparecimento de um trabalhador chinês em um canteiro de obras de terras artificialmente criadas em Cingapura. A narrativa acompanha o detetive Lok, que tenta entender o que aconteceu, mas acaba mergulhando num mundo confuso e fragmentado, onde sonhos, memória e realidade se misturam. O cenário da cidade construída sobre areia importada serve como metáfora para a condição instável dos migrantes, que constroem um país que não os reconhece como parte dele.

A força do filme está em como ele mostra o isolamento e o esquecimento dos trabalhadores migrantes, pessoas que movem a economia mas desaparecem sem deixar rastros. Ao mudar de perspectiva no meio da história, o filme revela uma vida de rotina dura, insônia e tentativas frustradas de conexão humana. A busca por pertencimento se choca com a paisagem artificial que os rodeia. Mais do que resolver um mistério, o filme questiona quem pertence a essa terra construída - e quem sempre será visto como um estrangeiro.

stills





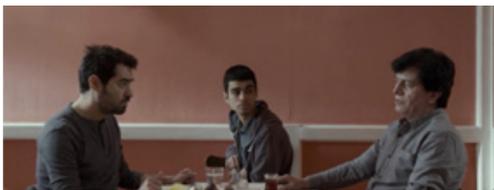
# Gholam

Título Original: Gholam  
Direção: Mitra Tabrizian  
Ano: 2017  
País: Irã, Reino Unido

Gholam, filme de estreia da diretora Mitra Tabrizian, é um estudo de personagem centrado em um imigrante iraniano exilado em Londres, que divide seu tempo entre trabalhar como mecânico durante o dia e motorista de táxi à noite. O personagem é retratado como um homem introspectivo tentando escapar de um passado turbulento enquanto lida com um futuro incerto.

A narrativa envolta em mistério ganha força quando o protagonista é reconhecido por um antigo colega de guerra, que tenta envolvê-lo em negócios obscuros. A trama se passa em 2011, durante a Primavera Árabe, adicionando um pano de fundo político importante. A direção de Tabrizian, com sua experiência em fotografia, traz uma cinematografia crepuscular que captura a solidão e o anonimato das ruas de Londres, desde becos escuros até lojas de conveniência iluminadas por luzes fluorescentes.

stills



# Samba

Título Original: Samba  
Direção: Olivier Nakache & Eric Toledano  
Ano: 2014  
País: França

Samba, dirigido por Eric Toledano e Olivier Nakache, é uma adaptação do romance Samba pour la France, de Delphine Coulin, e conta a história de Samba, um imigrante senegalês que trabalha ilegalmente como lavador de pratos em Paris, enquanto luta para realizar seu sonho de se tornar chef. Sua jornada se entrelaça com a de Alice, uma assistente social, que, ao contrário de seus colegas, demonstra empatia pelo aspirante a cozinheiro.

O roteiro evita clichês fáceis e explora a complexidade das relações humanas. A química entre os protagonistas é tratada com sensibilidade, destacando a ternura em vez de provocação, equilibrando humor, romance e drama.

stills





# All of Me

Título Original: Llévate mis amores  
Direção: Arturo González Villaseñor  
Ano: 2014  
País: México

All of Me acompanha o cotidiano de Las Patronas, um grupo de mulheres que, desde 1995, distribui comida e água aos migrantes que atravessam o México rumo aos Estados Unidos a bordo do trem conhecido como “La Bestia”. O filme registra com simplicidade essa rotina, sem grandes artifícios de linguagem, valorizando o gesto solidário pelo que ele é: um ato direto de cuidado com o outro.

A câmera segue de perto as preparações, a entrega dos alimentos e os riscos envolvidos, evidenciando o trabalho coletivo e o compromisso dessas mulheres com quem passa por ali, mesmo que por breves segundos.

stills



# O Futuro Perfeito

Título Original: El Futuro Perfecto  
Direção: Nele Wohlatz  
Ano: 2016  
País: Argentina

O Futuro Perfeito aborda a experiência de imigração de forma leve e original, focando na vida de Xiaobin, uma jovem chinesa que se muda para Buenos Aires. A narrativa acompanha seu processo de adaptação, desde o aprendizado do espanhol até suas tentativas de construir uma nova vida longe da família. O filme se destaca por misturar elementos de ficção e documentário, criando uma atmosfera realista e ao mesmo tempo poética, que captura as nuances da comunicação e da integração cultural.

A direção é sensível e criativa, usando as aulas de espanhol como uma metáfora para o crescimento pessoal de Xiaobin. À medida que ela avança no idioma, sua confiança aumenta, e o filme explora possíveis futuros para ela, mostrando como a linguagem pode abrir portas para novas identidades e possibilidades.

stills



# Tenere

Título Original: Tenere  
Direção: Hasan Söylemez  
Ano: 2020  
País: Turquia

Tenere acompanha a dura travessia de migrantes pelo deserto do Saara, revelando um caminho pouco mostrado nas notícias, mas percorrido por milhares de pessoas. O documentário observa de perto a viagem de Bachir, que tenta chegar a Dirkou em busca de trabalho. A jornada, feita em caminhões adaptados e sob calor extremo, mostra os riscos enfrentados por quem tenta escapar da pobreza. A câmera segue tudo com simplicidade, destacando o isolamento no deserto e a fragilidade da viagem, onde um pequeno erro pode ser fatal.

O filme impressiona justamente por mostrar a realidade sem interferência. Não há narração nem explicações didáticas - apenas as imagens, o som do vento e os gestos dos viajantes. As cenas captadas por drones deixam claro o quanto esse percurso é solitário e perigoso. Tenere mostra um tipo de migração muitas vezes ignorado, e nos lembra que, para muita gente, o deserto é o primeiro grande obstáculo antes mesmo de tentar cruzar uma fronteira.



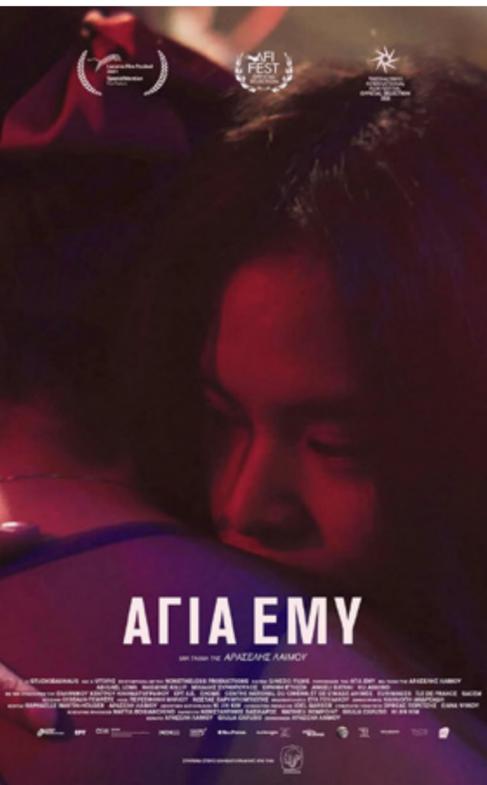
# Quando Meus Pais Não Estão em Casa

Título Original: Ilo Ilo  
Direção: Anthony Chen  
Ano: 2013  
País: Cingapura

Quando Meus Pais Não Estão em Casa retrata como a crise financeira de 1997 impacta a vida de uma família comum em Singapura. A trama acompanha o jovem Jiale, sua mãe rígida Hwee Leng, o pai Teck, e Teresa, uma trabalhadora doméstica filipina contratada para ajudar em casa. A chegada de Teresa transforma lentamente as relações familiares, revelando tensões, afeto e desigualdades sociais. Aos poucos, ela constrói uma conexão com Jiale, o que provoca ciúmes em Hwee Leng e evidencia a distância emocional entre os membros da casa.

O filme mostra que os efeitos da migração vão além das mudanças geográficas. Teresa deixa o próprio filho para cuidar do filho de outra pessoa, algo que muitos trabalhadores migrantes enfrentam. A história trata com sensibilidade das relações de afeto, da precarização do trabalho e das barreiras sociais que atravessam as casas. Ilo Ilo é uma reflexão sutil sobre vínculos humanos em tempos de crise, marcada por silêncios, conflitos e pequenas demonstrações de carinho.





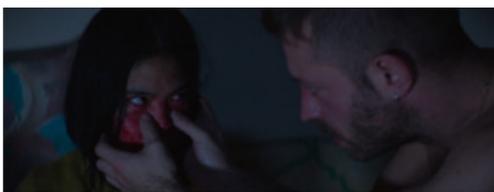
# Holy Emy

Título Original: Αγία Έμυ  
Direção: Araceli Lemos  
Ano: 2021  
País: Grécia, França e EUA

Holy Emy acompanha duas irmãs filipinas vivendo sozinhas em Atenas, lidando com questões de fé, corpo e pertencimento. Teresa se envolve com a igreja cristã, buscando respostas religiosas para sua vida, enquanto Emy descobre e desenvolve um dom misterioso de cura. As duas seguem caminhos distintos - um ligado à religião tradicional, outro à espiritualidade fora dos moldes institucionais - e enfrentam julgamentos tanto da comunidade religiosa quanto das pessoas ao seu redor. A relação entre elas é central ao filme, mostrando como laços familiares podem resistir, mesmo com diferenças profundas.

A trajetória de Emy revela como experiências migratórias estão atravessadas por exploração, fé e busca por pertencimento. Ao mesmo tempo em que o filme critica estruturas religiosas que oprimem, também mostra o vazio deixado pela falta de respostas concretas. Holy Emy propõe uma reflexão sobre como crenças moldam nossos caminhos e como os migrantes precisam navegar entre espiritualidade, exclusão e sobrevivência em contextos marcados por desigualdade.

stills



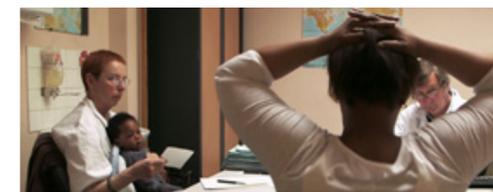
# O Plantão

Título Original: La Permanence  
Direção: Alice Diop  
Ano: 2016  
País: França

O Plantão, de Alice Diop, mostra o cotidiano de um consultório médico nos arredores de Paris, onde migrantes em situação precária buscam cuidado físico e escuta. A câmera acompanha atendimentos simples, mas que revelam dores profundas, ligadas a traumas, violência, solidão e instabilidade. As consultas funcionam como retratos de vidas marcadas pela migração forçada e pela dificuldade de existir longe de casa. Mais do que tratar doenças, o médico tenta oferecer acolhimento em um ambiente onde os limites da medicina se tornam evidentes.

O filme evita qualquer espetáculo e se concentra nos rostos e palavras de quem passa por ali. Ao acompanhá-las em suas consultas, Diop constrói um retrato coletivo da migração como experiência de perda e resistência. A presença do médico, suas dúvidas e frustrações diante do sofrimento alheio, reforça o sentimento de impotência diante de problemas que não se resolvem com receitas. O Plantão mostra que, por trás de cada corpo atendido, existe uma história atravessada por fronteiras e silêncios.

stills





# Exodus - De Onde Eu Vim Não Existe Mais

Título Original: Exodus  
Direção: Hank Levine  
Ano: 2017  
País: Brasil, Alemanha

O documentário Exodus: De Onde Eu Vim Não Existe Mais, dirigido por Hank Levine, acompanha as trajetórias de pessoas forçadas a deixar seus países por causa de guerras e conflitos. Ao mostrar diferentes realidades em locais como Brasil, Alemanha, Sudão do Sul e Saara Ocidental, o filme destaca como a experiência do refúgio é marcada por espera, incerteza e perda. As histórias são contadas com sensibilidade, e a narração de Wagner Moura reforça esse tom mais poético. Mesmo com condições mínimas garantidas em alguns países, como comida e abrigo, a falta de liberdade de circular e a demora nos processos burocráticos expõem o quanto a vida dos refugiados continua marcada por limitações.

O filme aposta em imagens fortes e cenas do cotidiano dos personagens, evitando o modelo tradicional de entrevistas. Apesar disso, deixa de explorar com mais clareza o papel das instituições internacionais e os caminhos legais para o asilo. Há uma tentativa de tocar o espectador pelo sentimento, mas, ao fazer isso, o filme acaba suavizando certos conflitos e apresenta uma visão mais estética que política. Ainda assim, Exodus levanta reflexões importantes sobre fronteiras, pertencimento e os impactos emocionais do deslocamento forçado.

stills



# Dance Town

Título Original: Dance Town  
Direção: Jeon Kyu-hwan  
Ano: 2011  
País: Coreia do Sul

Dance Town, do diretor sul-coreano Jeon Kyu-hwan, mostra os desafios de uma mulher norte-coreana que foge para o Sul em busca de uma vida melhor. Mesmo com a promessa de liberdade, ela se vê presa em outra forma de controle. Vigiada pelas autoridades sul-coreanas e isolada numa rotina solitária, a personagem luta para se adaptar a uma nova realidade que, apesar de diferente, também impõe barreiras. O filme retrata essa travessia não como libertação, mas como uma troca de prisões — agora invisíveis, mas ainda muito presentes.

A narrativa se concentra no cotidiano da protagonista, com destaque para sua tentativa de criar novos laços e sobreviver em um ambiente hostil. A atuação de Ra Mi-ran dá força ao drama, expressando bem a mistura de força e fragilidade da personagem. A direção mantém o foco na sensação de deslocamento, ampliando a ideia de que nem sempre a migração traz pertencimento. Dance Town é uma história sobre fronteiras que continuam existindo mesmo depois de cruzadas.

stills



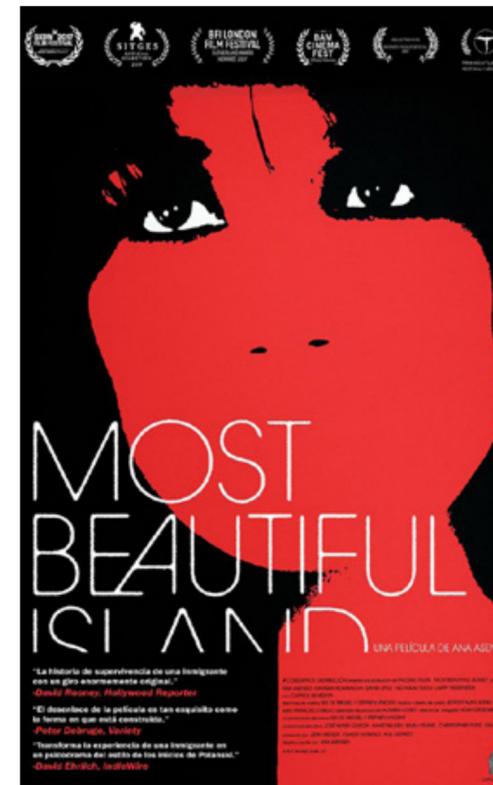


# Nocebo

Título Original: Nocebo  
Direção: Lorcan Finnegan  
Ano: 2022  
País: Irlanda e Filipinas

Nocebo usa o suspense e o terror psicológico para falar sobre relações de poder, desigualdade e as marcas deixadas pela migração. A história começa com Christine, uma estilista bem-sucedida que passa a sofrer sintomas estranhos após um episódio traumático. Quando Diana, uma cuidadora filipina, entra em sua vida, tudo muda. O filme mistura elementos do sobrenatural com críticas sociais, mostrando como o passado de Diana, ligado à dor e à exploração no seu país, se conecta diretamente com o presente da protagonista.

O encontro entre essas duas mulheres revela tensões entre mundos diferentes: o conforto de uma vida de privilégios e a dor escondida de quem carrega traumas silenciosos. Ao mesmo tempo que Diana cuida de Christine, também parece trazer à tona uma espécie de acerto de contas com tudo aquilo que a migração forçada representa - perda, luto e injustiça. Nocebo mostra que o corpo pode guardar as memórias daquilo que foi silenciado, e que migrar não é só mudar de lugar, mas também carregar histórias que o mundo insiste em ignorar.



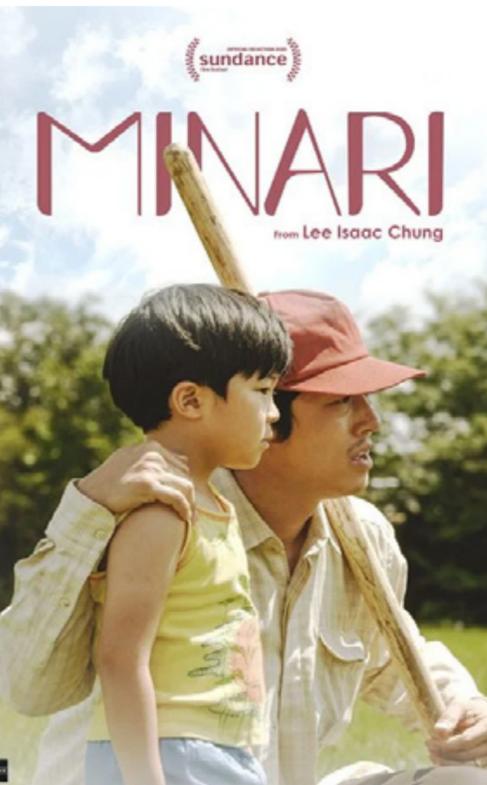
# Most Beautiful Island

Título Original: Most Beautiful Island  
Direção: Ana Asensio  
Ano: 2017  
País: EUA

Most Beautiful Island retrata de forma intensa e direta a experiência de uma imigrante em Nova York. O filme acompanha Luciana, uma mulher espanhola indocumentada que enfrenta um cotidiano duro, feito de trabalhos precários e solidão. A diretora Ana Asensio, que também atua como protagonista, mostra como a cidade pode ser ao mesmo tempo uma promessa de recomeço e um lugar cheio de ameaças invisíveis. A história mistura cenas realistas com momentos de tensão e horror, revelando como muitos imigrantes acabam entrando em redes paralelas de trabalho e sobrevivência.

O filme chama atenção por mostrar a exploração que pode surgir disfarçada de oportunidade. Luciana aceita um trabalho misterioso para conseguir dinheiro, e aos poucos o espectador mergulha com ela em um cenário sombrio, onde o perigo não está só na ilegalidade, mas também na indiferença da sociedade. Most Beautiful Island usa o suspense para ampliar a sensação de insegurança vivida por quem migra sem garantias. É um retrato sensível e provocador sobre o custo real de tentar uma nova vida em um país que nem sempre entrega o que promete.





# Minari: Em Busca da Felicidade

Título Original: Minari  
Direção: Lee Isaac Chung  
Ano: 2020  
País: EUA

Minari é um drama semi-autobiográfico do diretor Lee Isaac Chung que retrata a adaptação de uma família coreana nos Estados Unidos durante os anos 1980, explorando simultaneamente a assimilação cultural e os seus conflitos internos em um processo de transformação. A história gira em torno de Jacob Yi, que se muda com sua esposa Monica e seus filhos para uma zona rural do Arkansas com o sonho de cultivar vegetais coreanos em solo estadunidense. O filme traz o contraste entre o ideal de sucesso individual e as necessidades familiares, enfatizando a força das relações afetivas em meio às adversidades. O enraizamento da família é simbolizado pelo minari, uma erva que cresce em qualquer lugar, representando esse paralelo com a persistência e a capacidade de adaptação da família.

Com uma estética que remete à sutileza visual Hirokazu Kore-eda, Minari constrói uma atmosfera poética através da direção delicada. A interação entre o pequeno David e sua avó Soonja revela os contrastes e encontros culturais entre gerações, simbolizando a ponte entre o passado coreano e o presente nos Estados Unidos. O cotidiano é apresentado com naturalismo e metáforas visuais que evocam crescimento, pertencimento e reinvenção.



# Não Estou Mais Aqui

Título Original: Ya No Estoy Aquí  
Direção: Fernando Frias  
Ano: 2019  
País: México, EUA

Nas montanhas de Monterrey, no México, um grupo de jovens chamado “Los Terkos” passa os dias ouvindo cumbia em ritmo desacelerado e participando de festas de dança, exibindo seus trajes, cortes de cabelo e alianças. Esses diferentes grupos se autodenominam Kolombianos, combinando a cultura Cholo com a música colombiana. Ulises Samperio, líder dos Terkos, tenta proteger seus amigos dos elementos nefastos de uma guerra política e do narcotráfico em ascensão, mas após um mal-entendido com um cartel local, é forçado a fugir para Jackson Heights, no Queens, uma comunidade imigrante na cidade de Nova York. Ulises tenta se assimilar, mas ao descobrir que sua gangue e toda a cultura Kolombia estão sob ameaça, começa a questionar seu lugar nos Estados Unidos e passa a desejar retornar para casa.

Somos apresentados a uma jornada marcada por deslocamentos e tensões culturais. Ao migrar, o protagonista experimenta a solidão e o estranhamento, sem abandonar sua relação com a música e sua estética. A narrativa alterna entre os eventos em Monterrey e sua vida no Queens, onde sua identidade é constantemente confrontada. Momentos sutis, como os detalhes visuais do cotidiano, revelam a força do filme em capturar o fluxo da vida de um jovem em trânsito.



# Cafarnaum

Título Original: Capernaum  
Direção: Nadine Labaki  
Ano: 2018  
País: Líbano, França

Cafarnaum conta a história de Zain, um menino libanês que decide processar seus próprios pais pelo “crime” de tê-lo colocado no mundo. O filme acompanha a trajetória do garoto, que passa de uma infância corajosa e esperta nas ruas a uma vida precoce de adulto aos 12 anos, fugindo dos pais negligentes e sobrevivendo com inteligência e resistência. Durante esse percurso, ele conhece Rahil, uma trabalhadora migrante etíope, que lhe oferece abrigo e comida. Em troca, Zain cuida do filho pequeno dela, Yonas.

O filme combina cenas de rua com atuações de não profissionais, o que reforça a autenticidade da narrativa. A relação entre Zain e um bebê deixado aos seus cuidados mostra como a solidariedade também existe nos piores contextos. Acompanhamos o processo migratório e a burocracia de acolhimento pelos olhos de um nativo que não se identifica com sua própria comunidade, um outsider em seu próprio país, trazendo à tona a vida de pessoas migrantes e apátridas que não têm sequer um documento para provar que existem.

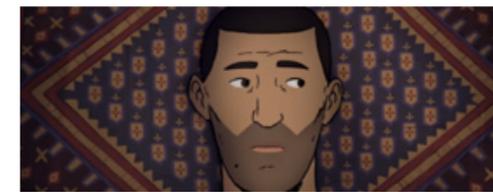


# Nenhum Lugar Para Chamar de Lar

Título Original: Flugt  
Direção: Jonas Poher Rasmussen  
Ano: 2021  
País: Dinamarca, Noruega

Flee é um documentário em formato de animação que conta a história real de um homem que precisa enfrentar o próprio passado para conseguir construir um futuro. Amin chegou sozinho à Dinamarca, ainda menor de idade, fugindo do Afeganistão. Hoje, aos 36 anos, é um acadêmico bem-sucedido e está prestes a se casar com seu namorado de longa data. No entanto, um segredo que ele guarda há mais de 20 anos ameaça colocar em risco tudo o que construiu. Pela primeira vez, ele decide compartilhar sua história com um amigo próximo.

A narrativa vai além da migração forçada. Ao mesmo tempo em que fala de deslocamento e fronteiras, Flee aborda o impacto emocional de quem precisa esconder partes de si para sobreviver. Amin também enfrenta o desafio de viver abertamente como homem gay em um novo país, sem se desligar das marcas do passado. O filme se torna um gesto de cuidado, acolhendo as dores e reconstruindo uma história cheia de rupturas.



## Referências

ACNUR. **Global Trends: Forced displacement in 2023**. Copenhagen: Agência da ONU para Refugiados, 2024. Disponível em: <https://www.unhcr.org/global-trends-report-2023>. Acesso em: 29 nov. 2024.

JUNGER DA SILVA, Gustavo; CAVALCANTI, Leonardo; LEMOS SILVA, Sarah; DE OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro. **Observatório das Migrações Internacionais**; Ministério da Justiça e Segurança Pública/Departamento das Migrações. Brasília, DF: OBMigra, 2024. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados?id=401361>. Acesso em: 29 nov. 2024.

MBEMBE, Achille. **Sair da grande noite: ensaio sobre a África Descolonizada**. Luanda: Edições Mulemba, 2014.

McAULIFFE, Marie; OUCHO, Linda Adhiambo (eds.). **World Migration Report 2024**. Genebra: Organização Internacional para as Migrações (OIM), 2024. Disponível em: <https://publications.iom.int/books/world-migration-report-2024>. Acesso em: 29 nov. 2024.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SODRÉ, Muniz. Bios midiático. **Dispositiva**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 108-110, maio/out. 2013.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

# Ficha Técnica

Pesquisa e edição: Ícaro Ricarte

Orientação: Sofia Zanforlin

Revisão: Isabel Bahé

Diagramação: André Martins

Trabalho apresentado ao curso de Rádio, TV e Internet da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para aprovação na disciplina Projetos Experimentais 2.